

# PROPRIETÁRIOS E REGANTES COM VÁRIAS PREOCUPAÇÕES

A Associação de Proprietários e Beneficiários do Alqueva (APBA) elenca um extenso rol de problemas no Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva (EFMA). Na maioria, sem solução à vista.

Carlos Afonso

**E**m Fevereiro último, a seu pedido, a APBA teve uma audiência na Assembleia da República com a Comissão de Agricultura e Pescas, «sobre a sustentabilidade do EFMA». Segundo João Cavaco Rodrigues, presidente da Direcção da APBA, foram apresentar as principais preocupações e problemas que existem hoje, muitos deles já bastante antigos e outros mais recentes, «que começam a ser muitas fortes ameaças ao futuro do empreendimento».

Um deles é a situação dos precários – dos quais «grande parte, cerca de 20.000 hectares [ha], tem culturas permanentes (olival, basicamente)» –, que estão sob «grandes restrições, porque os 120.000 ha inicialmente previstos irão passar, com a expansão, para 180.000», pelo que «o risco de não haver água é muito maior». As novas medidas que a Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas de Alqueva (EDIA) apresentou no plano de rega para 2023 «têm fortes condicionantes a estes regantes, concretamente dotações de água por hectare inferiores; se houver um aumento da dotação por o ano ser

seco, não têm direito; se houver um rateio, são penalizados em mais de 50% face aos regantes do perímetro...», enuncia João Cavaco Rodrigues.

Outro ponto é a proposta de aumento do preço da água, que «vem em contraciclo», diz. «A EDIA acabou por negociar a energia toda para o ano a um preço muito elevado e, entretanto, a energia já baixou substancialmente. Isso irá fazer com que, no EFMA, grande parte das culturas deixem de ser viáveis. E o que vai acontecer é que o espaço não vai ficar vazio. Os grandes grupos, associados a grandes fundos, irão concerteza aproveitar essa oportunidade.» O presidente da Direcção da APBA critica «a forma como foi feito» – o facto de a EDIA ter negociado «em alta o valor para o ano inteiro» – e a «escalada do preço», «porque é evidente que tem que haver um aumento do preço da água e é importante que o Empreendimento e os regantes tenham a sua autonomia e que o projecto seja autónomo do ponto de vista financeiro». A associação considera que se devia «fa-



# teppeki<sup>®</sup>

Proteja-se dos afideos,  
Respeitando os auxiliares e polinizadores!



**BELCHIM**  
CROP PROTECTION





sear o aumento» e assim criar «uma almofada, para que o aumento abrupto – quer depois uma redução abrupta que também possa existir – fosse mais faseado e se evitasse a escalada do preço».

A APBA também se manifesta contra a captação de água para o Algarve no Pomarão, «porque há outras soluções» e porque isso pode levar a que Espanha legalize e até incremente «fortemente» as «captações não autorizadas» já existentes. Ainda outro ponto é que «as propostas que a EDIA tem feito para a promoção de grandes projectos fotovoltaicos, que seriam a grande aposta para podermos ter um preço de água mais competitivo no EFMA – porque o grande calcanhar de Aquiles do EFMA sempre foi o custo energético para bombear a água –, não saem da gaveta».

É incerto quando haverá uma decisão quanto ao preço, mas «a campanha está à porta e a EDIA tem uma agenda com datas rígidas de facturação ao longo do ano». «Portanto, quando chegar a essa altura, teremos que saber exactamente o que é que vamos pagar. Não me parece que a EDIA não vá facturar a água na altura devida – coisa que nunca aconteceu. Isso ainda seria mais preocupante. Por isso, terá que ter o preço definido», estima João Cavaco Rodrigues.

No terreno, existe «muita apreensão, até indignação e grandes preocupações». «Há um conjunto de culturas, concretamente o milho – mas poderia dar outros exemplos –, em que as pessoas estão sem saber o que hão-de fazer, porque é

preciso o ano correr bem, ser muito bom e o preço subir qualquer coisa em relação ao que está actualmente para que os resultados possam ser satisfatórios, positivos. Portanto, não há margem nenhuma e dá que pensar. O que é que se faz? Não se faz nada? Não é forma de se sobreviver. Mas estar a fazer investimentos também não é, à partida, uma situação que seja agradável para ninguém, porque para ganhar alguma coisa e pagar as contas é preciso correr tudo pelo melhor, coisa que dificilmente acontece.»

Na reunião do Conselho para o Acompanhamento do Regadio de Alqueva (CAR Alqueva), que decorreu no fim de Janeiro, a EDIA apresentou a tabela de dotações de água para as culturas que elaborou e que a APBA também contesta. O presidente da Direcção da APBA refere que a Direcção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR), autoridade nacional para o regadio, «está a criar uma nova tabela com dotações com base nas novas tecnologias do uso eficiente da água, que está para sair, e em relação a muitas culturas há grandes diferenças» face ao que a EDIA preconiza. «Se são feitas com base nas mesmas entidades acreditadas, num conjunto de regulamentos, etc., não faz sentido haver assim diferenças, algumas bastante significativas – concretamente no olival, mas não só. Porque é que no EFMA as dotações são inferiores?»

De acordo com João Cavaco Rodrigues, da reunião do CAR Alqueva «saiu um compromisso do director geral da DGADR



de responder com brevidade a duas situações que nos preocupam bastante relativamente aos regantes precários». Por um lado, «a sua integração ou não como regantes de pleno direito, para não estarem sempre no fim da fila, de cada vez que há uma expansão – que todos desejamos que tenha sucesso, mas para se fazer uma expansão com sucesso, primeiro é preciso garantir alguma reserva de água, coisa que está a ficar esquecida; só se vê é avançar a obra da expansão e se mais não tem avançado é por falta de orçamento». Por outro lado, a impossibilidade de reconversão dos 20.000 ha de precários de culturas permanentes – «neste momento, a lei determina que não podem ser reconvertidos» –, «o que significa, na prática, poder-se jogar para o lixo aquela área de regadio, porque não pode ser usada para outras culturas». O presidente da Direcção da APBA aponta responsabilidades pela situação dos precários. «A EDIA, enquanto entidade gestora, será a primeira responsável por tudo o que aconteça de bom e de mau no empreendimento. Agora, se pergunta: Estas decisões são políticas? Cabe à EDIA? Não, não cabe à EDIA, mas cabe à EDIA pressionar, alertar e lutar contra aquilo que não concorda. Agora, a EDIA também é cúmplice, porque foi esta administração, com medo que não houvesse procura, que incentivou e que apoiou os regantes precários autorizados, na sua grande maioria. Por outro lado, concorreram a fundos comunitários, através do Banco Europeu de Investimento, para o projecto de expansão, que foram aprovados. E, neste momento, com os compromissos que assumiram e com medo de não os honrar, a pressão está a ser feita pelos mais fracos, do ponto de vista legal, que são os regantes precários. E, na prática, o que acontece são medidas como a não reconversão – que é gravíssimo –, reduzir as dotações a que têm direito, por aí fora.»

A APBA manifesta ainda preocupação com a sustentabilidade do EFMA. «Parte dos projectos que estão agora a ser feitos na expansão assenta na continuação da rede já existente – que já está com taxa de utilização a caminho dos 100%. Não sei como é que depois a água vai chegar aos novos regantes, com condutas mais reduzidas, dotações mais reduzidas. E não se irá prejudicar os regantes que já estão instalados quando depois a água tiver que continuar? Será que vai chegar para todos? Tenho sérias dúvidas. A expansão feita desta forma pode ser um presente envenenado e não propriamente aquilo que gostaríamos, que era fazer hectares de regadio com futuro, em que o EFMA seja, de facto, um grande projecto, em que as dotações sejam as necessárias e suficientes para, com base no uso eficiente da água, se fazerem culturas competitivas que possam produzir bem e não um sequeiro ajudado. Assim, às tantas, aquilo vai esticando, vai esticando e depois não conseguimos fazer nada, a não ser uma regas. Relativamente à expansão, a parte que está a ser feita e a que falta fazer é desejável que se façam, mas em condições de não pôr em risco os regantes que já têm investimentos feitos e de permitir o sucesso dos investimentos dos futuros regantes.» ●

**CRIMOLARA**

**Produtos Químicos, S.A.**



Bioestimulante radicular para controlo de fungos de solo.

**Condor**  
Shield



**CRIMOLARA**

Produtos Químicos, S.A.

FERTILIZANTE  
ORGÂNICO

NPK, 6,8/15 + 56% de M.O.



MICORRIZAS

APLICAÇÃO  
MANUAL



PLANTACÃO  
MECÂNICA



Campo Grande, 30 . 8ºH . 1700-093 LISBOA  
217 818 940 . geral@crimolara.pt . www.crimolara.pt